

A Filosofia Hoje

Celso Candido^{*}

Mas que é filosofar hoje em dia - quero dizer, a atividade filosófica - senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? O "ensaio" - que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação - é o corpo vivo da Filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma "ascese", um exercício de si, no pensamento.

Foucault

§ 1

A questão proposta para discussão neste livro situa-se em um meio-termo não pouco tenso entre a humildade e a ousadia de uma verdadeira Filosofia. A humildade fica por conta daquela dimensão de ignorância e admiração radical praticada por todo bom filósofo: tomar as coisas como desconhecidas, o mundo como enigma a decifrar, as verdades por desvelar e ser capaz de reconhecer a finitude humana do ato de conhecer. Se nos perguntamos acerca de algo, diz Aristóteles, é porque o ignoramos.⁽¹⁾ Se soubéssemos, não haveria sentido na pergunta. Assim, abordar a questão *'o que é a Filosofia?'*, implica reconhecer que, afinal, se "ignora" o que se pergunta. Porque, exatamente, a "peculiaridade da Filosofia" consiste em que, como diz Schopenhauer, "ela não pressupõe nada de conhecido, mas que, pelo contrário, tudo lhe é igualmente estranho e problemático, não só as relações dos fenômenos, mas os próprios fenômenos".⁽²⁾ A ousadia, por sua vez, deve-se ao fato de que se pretende abordar uma questão que mobilizou

^{*} Professor e coordenador adjunto do Curso de Filosofia da UNISINOS. Site: <http://www.caosmose.net/candido> . E-mail: candido@caosmose.net .

os maiores filósofos de todos os tempos sem que até hoje se tenha conseguido fundar um conceito definitivo da Filosofia. Com efeito, essa indefinição não é devida apenas à contradição das idéias e à diversidade do pensamento dos filósofos, mas ao próprio caráter da Filosofia a qual, como pretendia Hegel, é *um sistema em evolução, que encontra sua unidade na diversidade*.⁽³⁾

Segundo Kant, a Filosofia não é algo que possa ser aprendido, pelo simples fato de que ela ainda não possui um corpo de conhecimentos já constituído e acabado. E mesmo que houvesse um sistema filosófico totalmente acabado, aquele que o aprendesse não seria jamais um filósofo, pois, nesse caso, estaria fazendo simplesmente um uso “histórico-subjetivo” da razão. Quem quer aprender Filosofia tem que fazer um uso pessoal e autônomo da própria razão. Por isso, para Kant, “quem quer aprender a filosofar tem o direito de considerar todos os sistemas da Filosofia tão-somente como uma *história do uso da razão* e como objetos do exercício de seu talento filosófico”. É assim que o “verdadeiro filósofo, portanto, na qualidade de quem pensa por si mesmo, tem que fazer um uso livre e pessoal de sua razão, não um uso servilmente imitativo”.⁽⁴⁾

Assim, primeiramente, só se pode saber o que é a Filosofia, *no exercício da própria Filosofia*. A Filosofia é, então, uma experiência intensa e própria do pensamento. A Filosofia é a “arte de ruminar” pensamentos; de dar tempo ao pensamento. Duração intelectual, ela é um acontecimento do pensamento. Experimentação, a Filosofia é a *suprema aventura do espírito*: pensar, pensar por si mesmo, ousar pensar por si mesmo. É por isso que, para Castoriadis, a Filosofia deve exprimir um pensamento autônomo. “Que significa autonomia? Autonomia quer dizer *autosnomos*, ‘quem se dá a si

mesmo sua lei'. Em Filosofia, é claro: se dar a si mesmo sua lei significa que se coloca questões e que não se aceita nenhuma autoridade. Nem mesmo a autoridade de seu próprio pensamento anterior." Segue Castoriadis, "a autonomia, no domínio do pensamento, é a interrogação ilimitada; que não se detém diante de nada e que se recoloca ela mesma constantemente em causa".⁽⁵⁾

Por constituir-se exatamente neste exercício de um pensamento autônomo que se coloca permanentemente em questão, a Filosofia seria, segundo Bertrand Russell, uma espécie de "Terra de Ninguém", situada em um campo intermediário entre a ciência e a teologia. Pela sua natureza, o modo como a Filosofia se ocupa das questões é essencialmente diferente destas. Para Russell, a Filosofia, "como a teologia, consiste de especulações sobre assuntos a que o conhecimento exato não conseguiu até agora chegar, mas, como ciência, apela mais à razão humana do que à autoridade, seja esta a da tradição ou a da revelação. Todo conhecimento *definido* - eu o afirmaria - pertence à ciência; e todo *dogma* quanto ao que ultrapassa o conhecimento definido, pertence à teologia".⁽⁶⁾

É por essa razão que as grandes questões que os "espíritos especulativos" colocam-se a si mesmos não encontram respostas adequadas nem do ponto de vista da ciência nem da teologia. O que é a liberdade? O que é o bem? O que é a felicidade? Qual é o sentido da existência? O que é o amor? O que é a humanidade? Tais perguntas não encontram respostas no laboratório e as teologias com suas respostas "demasiado concludentes" acabam por cair sob a suspeita dos intelectos mais exigentes.

Assim, se ficamos limitados ao conhecimento possível que a ciência nos autoriza e, “se esquecemos quanto nos é impossível saber, tornamo-nos insensíveis a muitas coisas sumamente importantes”. A teologia, por sua vez, pode nos induzir “à crença dogmática de que temos conhecimento de coisas que, na realidade, ignoramos e, por isso, gera uma espécie de insolência impertinente com respeito ao universo”.⁽⁷⁾

A Filosofia, antes da certeza, então, é o domínio da incerteza. A incerteza, sem dúvida, “é dolorosa, mas temos de suportá-la, se quisermos viver sem o apoio de confortadores contos de fadas. Não devemos também esquecer as questões suscitadas pela Filosofia, ou persuadir-nos de que encontramos, para as mesmas, respostas indubitáveis. Ensinar a viver sem essa segurança e sem que se fique, não obstante, paralisado pela hesitação, é talvez a coisa principal que a Filosofia, em nossa época, pode proporcionar àqueles que a estudam”.⁽⁸⁾

Essa posição encontra-se muito próxima àquela que Jean-François Lyotard definiu como a *condição pós-moderna do saber*, na medida em que esta, renunciando aos metarrelatos e fundando-se na diversidade irreversível dos jogos de linguagem, deveria aguçar “nossa sensibilidade para as diferenças e reforçar nossa capacidade de suportar o incomensurável”.⁽⁹⁾

§ 2

Em *O que é a Filosofia?*, um de seus últimos livros escritos juntos, Félix Guattari e Gilles Deleuze, situados em uma paradoxal tradição, kantiana e nietzscheana, definem a Filosofia como o trabalho dos conceitos. Mais ainda,

como a *arte de criar conceitos*. Sendo o filósofo, portanto, o “amigo do conceito”. Segundo eles, o filósofo “é conceito em potência. Quer dizer que a Filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A Filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em *criar* conceitos”. Em outras palavras, o filósofo é aquele que pensa por conceitos.⁽¹⁰⁾

Por muito tempo a Filosofia esteve à procura de si mesma sem conseguir encontrar sua atividade precisa. Todos nós sabemos o que faz o médico, o poeta, o jogador de futebol, o arquiteto, o juiz, o advogado. Mas, afinal, o que faz o filósofo? Qual é a sua atividade específica? Segundo Deleuze e Guattari, “Conhecer-se a si mesmo - aprender a pensar - fazer como se nada fosse evidente - espantar-se, ‘estranhar que o ente seja’..., estas determinações da Filosofia e muitas outras formam atitudes interessantes, se bem que fatigantes a longo prazo, mas não constituem uma ocupação bem definida, uma atividade precisa”. Por ter por muito tempo “desconhecido sua vocação de criar conceitos” a Filosofia encontrou por toda parte ao longo da sua história, não apenas a falsificação do conceito, através do *marketing* e do simulacro, mas os usurpadores do conceito. Ainda de acordo com Deleuze e Guattari, “De provação em provação, a Filosofia enfrentaria seus rivais cada vez mais insolentes, cada vez mais calamitosos, que Platão ele mesmo não teria imaginado em seus momentos mais cômicos. Enfim, o fundo da vergonha foi atingido quando a informática, o marketing, o design, a publicidade, todas as disciplinas da comunicação, apoderaram-se da própria palavra conceito, e disseram: é nosso negócio, somos nós os criativos,

nós somos os *conceituadores!* (...) Os únicos acontecimentos são as exposições, e os únicos conceitos, produtos que se pode vender. O movimento geral que substituiu a Crítica pela promoção comercial não deixou de afetar a Filosofia. O simulacro, a simulação de um pacote de macarrão tornou-se o verdadeiro conceito, e o apresentador-expositor do produto, mercadoria ou obra de arte, tornou-se o filósofo, o personagem conceitual ou o artista".⁽¹¹⁾

Por ser essencialmente, a arte de criar conceitos, a Filosofia não pode, então, ficar presa simplesmente à História da Filosofia, como muitas vezes acontece. "Não se pode reduzir a Filosofia à sua própria história, porque a Filosofia não cessa de se arrancar dessa história, para criar novos conceitos que recaem na história, mas não provêm dela".⁽¹²⁾

Foi entre os gregos antigos que este impulso pelo conhecimento por conceitos teria nascido. Eles, dizia Nietzsche, tinham uma sede insaciável de saber. Foi entre os gregos que se exercitou o "gosto filosófico", isto é, se desenvolveu a capacidade de discernimento do que é ou não uma questão filosófica. Segundo Nietzsche, sem esse discernimento, sem esse "refinamento do gosto", a ciência "precipita-se sobre tudo o que é possível saber, na cega avidez de querer conhecer a todo preço; *o pensar filosófico, ao contrário, está sempre no rastro das coisas dignas de serem sabidas, dos conhecimentos grandes e importantes.* Ora, o conceito de grandeza é mutável, tanto no domínio moral quanto no estético: assim, a Filosofia começa com uma legislação sobre a grandeza, traz consigo uma doação de nomes. *'Isto é grande', diz ela, e com isso eleva o homem acima da avidez cega, desenfreada, de seu impulso ao conhecimento.* (...) O filósofo busca fazer

ressoar em si mesmo o clangor total do mundo e tirá-lo de si para expô-lo em *conceitos*".⁽¹³⁾ (gm)

Kant definiu a Filosofia como aquela disciplina que se ocuparia de quatro *grandes questões*: a metafísica, a religião, a ética e a antropologia; respectivamente, o que podemos conhecer, o que devemos esperar, o que devemos fazer e, por fim, o que é o ser humano. Observando que, todas as primeiras poderiam ser situadas na última, pois, de certa forma, estariam contidas nesta.⁽¹⁴⁾

Sobre esta questão, *'que é o ser humano?'*, as filosofias de todos os tempos se debruçaram. Segundo a *tradição iluminista* que começa na antiguidade com Hesíodo e Sócrates, chegando à modernidade com Kant e Hegel, o humano define-se, em primeiro lugar, pela sua racionalidade. O humano é, pois, um animal essencialmente racional; suas ações, seus valores, suas criações seriam determinadas, em primeira instância, pela razão.

Entretanto, um movimento de desterritorialização da razão, uma contracorrente crítica ao iluminismo protagonizada desde pelo menos Maquiavel, passando por Hobbes e chegando a Nietzsche e Marx, inaugurou aquilo que poderíamos chamar de contramodernidade. Segundo Maquiavel, o ser humano é metade racional, metade irracional, por isto o Príncipe deveria saber utilizar-se da força, além da lei.⁽¹⁵⁾ Hobbes definiu o humano como ser desejante. Ou seja, o que faz um homem é seu maior ou menor desejo de saber, de honra, de dinheiro ou de poder. Sendo que os três primeiros desejos não seriam senão formas outras do último. A razão, por sua vez, seria *um instrumento dos nossos desejos*.⁽¹⁶⁾ Nietzsche levou ainda mais longe esta

idéia: para ele, *a vida é vontade de poder*. E a razão era um “órgão coxo”, carente do essencial: dos instintos. Esses sim, os verdadeiros afirmadores da vida. Os instintos, dizia Nietzsche, não se enganam nunca.⁽¹⁷⁾ Marx, por sua vez, denunciou a idéia de que os seres humanos se libertam através de sua consciência, pois é impossível que eles sejam livres enquanto suas vidas cotidianas permanecerem reféns da exploração e dominação de outros, de poucos sobre muitos. A consciência da liberdade não era suficiente para torná-los livres. Era preciso, então, uma revolução nas relações de produção materiais, porque não é a consciência que determina a realidade, mas a realidade material que determina a consciência.⁽¹⁸⁾

Edgar Morin fez a síntese segundo a qual o humano é *sapiens* e *demens* ao mesmo tempo. Ele é paixão e razão. Os instintos não o diminuem. As paixões, a imaginação, a ilusão, a mística não são formas inferiores ou secundárias da existência. Ao contrário, a vida humana é prosa e poesia. Uma vida sem poesia, sem amor, sem paixão, sem fantasia, totalmente racional, seria uma completa estupidez.⁽¹⁹⁾

§ 3

Situados nessa tradição de paradoxos e contradições, talvez fosse interessante tentar discutir a idéia de Filosofia a partir do lugar desde o qual nos colocamos a filosofar hoje, pois *cada Filosofia é invariavelmente filha de seu tempo*. Nesse sentido, gostaria de destacar, nos limites próprios a um artigo, quatro grandes movimentos ou espantos do mundo contemporâneo que se refletem diretamente nas diferentes práticas e discursos filosóficos.

Em primeiro lugar, segundo Pierre Lévy, a humanidade estaria ingressando em uma nova idade: a *idade da pedra do saber*. O conhecimento tornou-se o principal bem da sociedade contemporânea. Diferencial estratégico nos processos de competição econômica e política, o conhecimento está na base do desenvolvimento das forças produtivas. O conhecimento, pois, transformou-se em um capital de primeira grandeza. No *noolítico*, a própria natureza do trabalho é transformada, pois a maior parte dos seres humanos estão envolvidos em processos de produção, criação, pesquisa e troca de conhecimentos, tornando-se esta sua principal atividade produtiva.⁽²⁰⁾

Esta nova posição do conhecimento remete, obviamente, a um novo papel da Filosofia. A Filosofia é, agora, convocada a participar da totalidade da vida social. Por linhas transversais e paralelas, em certa medida, não estaria tomando forma concretamente a República platônica, na qual, os filósofos teriam um papel decisivo na condução dos negócios humanos? Não estaria, pois, mais do que na hora de os filósofos saírem de seus guetos e ocuparem a cena pública?

Em segundo lugar, o espanto a ser destacado aqui diz respeito ao nascimento do hipertexto humano. Ou seja, de um novo *teukhein* do pensamento. Antes da invenção da palavra escrita, os filósofos se reuniam em praça pública para debaterem e exercitarem seu agonismo discursivo oral em busca da sabedoria. Com a entrada em cena, para ficar, da cultura escrita e sofisticada, o debate vivo oral entre os verdadeiros sábios e amantes do saber vai à derrocada. É nesse sentido que Platão lamenta o fim dos tempos dos grandes sábios - sendo o último deles, Sócrates, que não deixou uma única

palavra escrita -, na medida em que a escrita, com suas “palavras estáticas”, era simplesmente não-dialética e, por isto, em si mesma, anti-filosófica.⁽²¹⁾

O saber só é possível através do *exercício do diálogo*, no qual teses e antíteses se defrontam *em ato*, se desnudam e tornam possível a descoberta da verdade, a criação de um conceito. O que Platão, sobretudo, parece reclamar à escrita é vivacidade, *presença*, criação em ato, acontecimento filosófico por excelência, que é o diálogo vivo em busca do saber. Com a hegemonia da palavra escrita, todo esse mundo vivo do debate público estaria perdido. Um conhecimento que poderia vir depois de uma troca de cartas ou manuscritos - estamos falando de uma época em que ainda não havia sido inventada a prensa de Gutenberg - era impossível para o *tempo filosófico* de Platão.⁽²²⁾

Sem dúvida, com a invenção dos métodos de reprodução do texto com a prensa moderna, o pensamento escrito acelerou e dinamizou, de forma relativa, seus processos de transmissão e o debate de idéias, bem como ampliou seu espaço de atuação. Os jornais, os livros invadiram vastos setores sociais, determinando, pelo menos até a invenção do rádio e da televisão, grande parte do cenário intelectual e político.

As novas tecnologias de comunicação e informação contemporâneas, na medida em que inauguram uma nova forma da trofolaxe lingüística humana, instituem novas relações, não apenas no domínio das relações políticas e de comunicação, mas também no do pensamento. Hipertextual, eletrônico, escultural, *on line*, à velocidade da luz, trata-se de um pensamento que se comunica por vasos transversais e transdisciplinares por natureza, que opera

por simulação e não mais somente por indução ou dedução; um pensamento ideográfico dinâmico, que se situa além da oposição tradicional entre conceito e imagem, no qual o conceito se faz imagem, e a imagem conceito. Trata-se de uma praça pública virtual planetária que interconecta incontáveis mentes humanas, um novo espaço e um novo tempo e, sobretudo, um novo suporte da e para a Filosofia para além da escrita estática.

Em todo caso, a idéia central que se quer destacar aqui é a de que, com o nascimento do hipertexto, pela suas características de mobilidade, interatividade e plasticidade inéditas, torna possível, outra vez, aquele diálogo vivo e público perdido com a hegemonia da palavra escrita. É a *dialética eletrônica*.⁽²³⁾

Em terceiro lugar, ao mesmo tempo em que emerge esta monumental rede planetária de interconexão da mente humana, um movimento intelectual se põe em marcha para questionar alguns dos fundamentos mais importantes da tradição filosófica e científica. É o movimento da *transdisciplinaridade*. Esta refere-se a um conceito que procura destacar a natureza complexa do conhecimento, significando o reconhecimento da interconexão dos diferentes campos e disciplinas do saber.⁽²⁴⁾ A transdisciplinaridade, pois, propõe uma forma de pensar em rede, procurando articular as disciplinas para além de suas especialidades, transversalizando e cruzando campos de conhecimentos que antes pareciam estar duramente separados uns dos outros.⁽²⁵⁾

Sem dúvida, é preciso reconhecer uma natureza essencialmente transdisciplinar da Filosofia. Assim, por exemplo, grandes temas tradicionais da Filosofia, como a Ética, a Lógica, a Epistemologia são essencialmente

transdisciplinares, pois atravessam diferentes campos de conhecimento, do Direito à Sociologia, da Física à Computação. A Antropologia, por sua vez, envolve necessariamente um conhecimento articulado da Psicologia, da Biologia, da Política etc.

Ao mesmo tempo, grandes temas que, a princípio estariam separados da Filosofia, passaram a transversalizar a reflexão filosófica. Por exemplo, a Ecologia, a Genética, porque elas recolocam em questão o problema do sentido da existência e o da finitude da natureza e do humano.

Por fim, em quarto lugar, gostaria de apontar para a emergência de uma nova questão filosófica. Nestes tempos de comunicações digitais interativas e redes transdisciplinares complexas de conhecimento, não nos seria permitido, acrescentar aos “quatro elementos” kantianos da Filosofia, um quinto elemento? Uma nova questão vital da Filosofia: a *Ecosofia*? Porque a monumental questão ‘*que é o ser humano?*’ só pode ser respondida *hoje* no contexto da pergunta ‘*que é a vida?*’. Como diz Castells, a questão ambiental hoje identifica e unifica todos os seres humanos, sem nenhuma exclusão.⁽²⁶⁾ Mais do que isto, ela tornou-se capaz de unificar o conjunto de todos os seres vivos do planeta, em um desejo real de preservação da vida e dos sistemas vivos. Desse modo, ela englobaria todas as outras questões da Filosofia.

Foi Guattari que, transversalizando a questão ambiental, propôs este novo conceito. A Ecosofia seria um conceito transdisciplinar, situada em paradigmas ético-estético-políticos, articulando o domínio das “três ecologias”; a mental, a social e a ambiental.⁽²⁷⁾ Na verdade, a Ecosofia seria, daqui para frente, uma questão que se articularia com todas as demais

ciências, não apenas com a Psicologia, a Sociologia e a Ecologia propriamente dita, mas também com a Física, a Comunicação, a Computação, a Política, a Economia, a Biologia, uma vez que ela implica uma reconsideração sobre o conjunto da atividade e o sentido da existência humana sobre o planeta.

§ 4

Sem dúvida, a Filosofia e suas questões permanecem abertas. Mas é impossível não ver as mudanças, não apenas nos conteúdos, mas na própria forma do fazer filosófico e os novos desafios que se colocam no horizonte do nosso tempo. A Filosofia como consciência crítico-dialética trágico-dionisíaca do mundo continua tendo como tarefa fundamental *apreender o tempo no pensamento*⁽²⁸⁾ e, portanto, a de pensar o mundo hoje. Dar sentido à vida hoje. Criar a vida hoje. Inventar o pensamento hoje.

NOTAS

- (1) ARISTÓTELES (1990), *Metafísica*.
- (2) SCHOPENHAUER (s.d.), *O Mundo como Vontade e Representação*.
- (3) HEGEL (1980), *Introdução à História da Filosofia*.
- (4) KANT (1992), *Lógica*.
- (5) CASTORIADIS (1998), *Contre le Conformisme Généralisé*.
- (6) RUSSELL (1969), *História da Filosofia*.
- (7) Idem.
- (8) Idem.
- (9) LYOTARD (1986), *A Condição Pós-moderna*.
- (10) DELEUZE, GUATTARI, *O que é a Filosofia?*
- (11) Idem.
- (12) Idem.
- (13) NIETZSCHE (1978), *A Filosofia na Época Trágica dos Gregos*.
- (14) KANT (1992), *Lógica*.
- (15) MAQUIAVEL (1983), *O Príncipe*.
- (16) HOBBS (1979), *Leviatã*.
- (17) NIETZSCHE (1978), *Obras Incompletas*.
- (18) ENGELS, MARX (1980), *A Ideologia Alemã*.
- (19) MORIN (1999), *Amorpoesiasabedoria*.
- (20) LÉVY (2000), *A Educação na Era do Conhecimento*, em <http://www.caosmose.net/pierrelevy/>.
- (21) Ainda que tenha sido justamente Platão aquele que inaugurou uma nova tradição filosófica, heróica e infinitamente criativa, rica em pedras preciosas de sabedoria, ancorada no suporte escrito.
- (22) Devo estas análises críticas de Platão à escritura às obras de COLLI (1996), *O Nascimento da Filosofia* e de DERRIDA (1997), *A Farmácia de Platão*.
- (23) Para uma análise mais profunda desta questão, remeto aqui ao meu texto, *O Pensamento Eletrônico*, em <http://www.agoravirtual.net/hipertexto/pensamento.pdf>, (2003).
- (24) Remeto também ao meu texto, *Heterogênese Conceitual*, onde desenvolvo uma reflexão sobre o trabalho do pensamento na sociedade contemporânea, em <http://www.agoravirtual.net/hipertexto/heterogenese.pdf>, (2003).
- (25) Ver o debate sobre a *Filosofia e a Transdisciplinaridade*, em <http://www.humanas.unisinos.br/info/filosofia/trans/>, (2003).
- (26) CASTELLS (2001), *O Poder da Identidade*.
- (27) GUATTARI (1999), *Les Trois Écologies*.
- (28) HEGEL (1980). *Introdução à História da Filosofia*.